

JUNICHIRO TANIZAKI

A vida secreta do senhor de Musashi e Kuzu

Duas novelas

Tradução

Dirce Miyamura



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Herdeiros de Junichiro Tanizaki/ Chuokoron-Shinsha, Inc.



A edição desta obra contou com subsídios do programa de apoio à tradução e publicação da Fundação Japão.

Tradução feita do original japonês com apoio da tradução americana de Anthony H. Chambers (The secret history of the lord of Musashi and Arrowroot, Vintage International, 2003).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Títulos originais

吉野葛 e 武州公秘話

Capa

warrakloureiro

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Carmen S. da Costa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tanizaki, Junichiro, 1886-1965

A vida secreta do senhor de Musashi e Kuzu / Junichiro Tanizaki ; tradução Dirce Miyamura — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: 吉野葛 武州公秘話

ISBN 978-85-359-1531-0

1. Romance japonês I. Título.

09-08052

CDD-895.635

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura Japonesa

895.635

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

A vida secreta do senhor de Musashi, 7

Kuzu, 157

A VIDA SECRETA DO SENHOR DE MUSASHI

Prefácio

É sabido que o líder guerreiro Uesugi Kenshin tinha uma inclinação especial por seus jovens pajens. É sabido também que Fukushima Masanori seguiu pelo mesmo caminho trilhado por Ai, imperador Han, que preferiu cortar a manga do próprio manto a despertar o garoto que dormia a seu lado. Com o passar dos anos essa inclinação de Masanori foi se tornando cada vez mais pronunciada, provocando no final a sua queda. Kenshin e Masanori não foram exemplos isolados. Há muitas histórias obscuras na vida sexual de personagens históricos que ficaram conhecidos como heróis valorosos. Seus hábitos, entre eles a sodomia e o sadismo, eram despertados pelo estilo de vida dos guerreiros, e não nos cabe julgá-los com severidade.

Este livro conta a história do senhor de Musashi, nascido no século XVI, no período das guerras civis, e conhecido por sua perspicácia e inflexibilidade. O senhor de Musashi foi o líder mais destemido e cruel de seu tempo. As pessoas que conviveram com ele, porém, diziam que acalentava desejos sexuais masoquistas. Será verdade? Não sei se acredito ou não acredito nesses boatos

fantasiosos, mas, se fosse verdade, seria o caso de sentir compaixão por ele. A história oficial não guarda registro quanto a suas inclinações sexuais, e a maioria das pessoas não tem informação alguma sobre o assunto. Recentemente, porém, ao examinar alguns documentos secretos pertencentes à família Kiryu, fiquei sabendo que tipo de homem ele foi na realidade. Senti grande compaixão por ele ao descobrir que era dominado por uma paixão obsessiva por bela e refinada dama. Como dizia Wang Yang-ming, é mais fácil subjugar um bandido nas montanhas do que dominar o demônio dentro do próprio coração. Ainda assim o senhor de Musashi tinha a coragem de um tigre indomável, e, ao longo da história, são raros os que se podem equiparar a sua habilidade de implantar a paz em seus territórios. Profundamente comovido por sua biografia, decidi narrar os detalhes de sua vida sexual sob a forma de uma novela histórica. Dei-lhe o título de *A vida secreta do senhor de Musashi*. Rogo aos leitores que não cedam ao impulso de vê-la como uma série de invenções absurdas.

Início do outono de 1935

Livro I

SOBRE OS ESCRITOS DA MONJA MYÔKAKU, “SONHO DE UMA NOITE”, E OS MANUSCRITOS DAS MEMÓRIAS DE DÔAMI

Não há como saber precisamente a identidade da monja Myôkaku ou quando ela escreveu “Sonho de uma noite”, mas fica evidente por meio de seus escritos anteriores e posteriores à referida obra que, num certo período, essa senhora serviu como empregada na casa do senhor de Musashi. Depois da queda do clã, raspou a cabeça e foi viver em retiro “numa cabana de sapé no meio de remotas montanhas, onde não havia nada a fazer a não ser orar dia e noite por Buda”, conforme suas próprias palavras. Dessa maneira, conclui-se que foi na ociosidade da idade avançada que ela registrou suas memórias. Mas, afinal, com que objetivo uma monja “sem nenhum empreendimento a não ser orar por Buda” teria resolvido escrever suas memórias? De acordo com sua própria explicação:

Depois de ponderar a conduta do senhor de Musashi, compreendi que neste mundo os homens não se dividem entre bons e maus,

heróis e vulgares. O inteligente pode ser por vezes banal, o corajoso pode ser fraco, e aquele que no passado esmagou milhares de inimigos em batalhas será agora assaltado em sua própria casa pelos demônios do inferno. Da mesma forma como a mais formosa das mulheres pode mostrar um temperamento feroz, o mais valeroso guerreiro pode subitamente virar uma besta hedionda. Quem sabe o senhor de Musashi não tenha sido o espírito reencarnado do piedoso Buda, que renasce neste mundo de tempos em tempos, graças ao ciclo do samsara, para libertar-nos das ilusões, e que usou o próprio corpo para demonstrar a inexorável lei de causa e efeito?

A monja conclui ainda que:

... incorporando os tormentos do inferno em seu próprio corpo sagrado, o senhor de Musashi mostrou-nos, a nós, mortais comuns, o caminho da iluminação. Sua existência foi uma bênção para todos nós. Escrevo este relato de suas ações com sentimento de gratidão pelo seu espírito gentil e como uma oferenda em favor da tranquilidade de sua alma. Esse é meu único objetivo. Se houver quem ridicularize ou desdenhe o comportamento de meu amo, amaldiçoado seja. Pessoas de discernimento sentirão apenas gratidão.

Seus argumentos parecem um pouco artificiosos, porém, e certos indícios nos fazem suspeitar que talvez não acreditasse nas próprias explicações. Ela nunca se casou e, portanto, é claro que suas necessidades físicas nunca foram satisfeitas. Uma das suposições é que tenha escrito tudo aquilo para tentar aliviar a própria solidão. Mas isso é mera especulação.

O autor de “Confissões de Dôami”, por outro lado, não deixou nenhuma pista sobre suas motivações, mas é óbvio que tam-

pouco pôde apagar da memória os “atos terríveis do meu amo” ou sua própria e extraordinária experiência estando a serviço dele. Não resta dúvida de que, quanto mais refletia sobre tais experiências, mais elas lhe pareciam estranhas, e, no fim, não resistiu à tentação de registrar tudo no papel. Enquanto a monja Myôkaku chegava à feliz porém improvável conclusão de que o senhor de Musashi era a reencarnação de Buda, Dôami parece ter tido uma clara percepção do processo mental de seu amo, e como resultado teria conquistado a total confiança dele. De tempo em tempo seu senhor lhe revelaria sua angústia interior, confidenciando a história de seu apetite sexual desde a infância, em busca de compreensão e cumplicidade. Pensando bem, Dôami era um homem com certo pendor à adulação, e talvez tenha aceitado a perversão do amo como algo inerente à natureza daquele, ou, se não foi isso, apenas fingiu aceitá-la, no início para agradá-lo e depois, no decorrer do processo, teria sucumbido, deixando-se converter. De toda forma, é incontestável que Dôami se tornou um companheiro indispensável no “paraíso secreto” de seu amo. Sem Dôami é possível que os jogos sexuais daquele não tivessem trilhado um curso tão perverso, e por essa razão ele alguma vez amaldiçoou a existência de Dôami. Era frequente o senhor repreender Dôami, chegando a bater nele, e por vezes, ao que parece, esteve perto de liquidá-lo com a espada. Dôami, porém, foi um homem de sorte: entre os homens e as mulheres que participaram dos “jogos” do senhor, raríssimos conseguiram escapar com vida. Por ser o mais vulnerável, Dôami deve ter encarado a morte mais vezes do que ninguém. Não tenho dúvida de que escapou da jaula dos leões tanto por ser querido como por ser odiado. Mais do que tudo, pode-se dizer que sua sobrevivência só aconteceu graças a sua vigilância e tato.

SOBRE A ARMADURA DE TERUKATSU, SENHOR DE MUSASHI, E O RETRATO DA DAMA SHÔSETSUIN

O retrato agora em posse dos descendentes do clã Kiryu mostra Terukatsu sentado de pernas cruzadas sobre a pele de um tigre, paramentado com armadura peitoral em estilo europeu, placas de ombreiras tecidas com fios pretos, e calçando botas de couro. No alto do elmo, chifres enormes aparentando ser de búfalo apontam para cima. A mão direita segura um bastão de comando feito de couro trançado; a mão esquerda espalmada sobre a coxa está tão aberta que o dedão alcança a bainha da espada. Se ele não estivesse de armadura, seria possível ter-se uma ideia de sua compleição, mas com todos aqueles paramentos, por infelicidade, apenas a face ficava visível. Não é raro ver heróis do período das guerras civis, como ele, vestindo armadura completa, e o retrato de Terukatsu é bastante similar àqueles onde aparecem Honda Heihachiro e Sakakibara Yasumasa nos livros de história. Todos eles nos transmitem uma impressão de severidade e grande dignidade, mas ao mesmo tempo mostram uma desconfortável rigidez e formalidade no modo como levantam os ombros.

Fontes históricas revelam que Terukatsu morreu com quarenta e dois anos. De certa forma ele parece mais jovem no retrato, talvez entre trinta e cinco e quarenta anos. Com bochechas redondas e queixo quadrado, sem dúvida não é feio, embora seus olhos, nariz e boca sejam desproporcionalmente grandes. Em todo caso, o rosto é a imagem exata de um líder austero e autoconfiante. Os olhos bem abertos, fixos à frente, brilham encolerizados logo abaixo da base do elmo. Entre os olhos e acima do nariz vê-se uma dobra na pele, cortada horizontalmente por um vinco profundo que parece um segundo nariz mais achatado. Vincos profundos vão das laterais das narinas até os cantos da boca,

dando-lhe uma expressão irritada, como se tivesse acabado de lamber uma coisa amarga. Exibe um bigode desalinhado e cavanhaque, bem no estilo da época.

Esse rosto impressionante seria bem menos impactante não fosse o elmo. Além dos esplêndidos chifres, há uma crista no alto com a figura de Taishakuten, o guardião budista do Leste, esmagando um demônio com o pé. A armadura peitoral em estilo europeu também é impressionante. Não sou nenhuma autoridade no assunto, mas parece que a armadura europeia foi introduzida no Japão pelos holandeses e portugueses entre 1530 e 1540, época em que as primeiras armas de fogo chegaram a Tanegashima. A armadura tem formato de peito de pomba: como um pêssego, ela infla na direção da linha divisória do centro, e a borda da base faz uma curva para cima e segue até as costas. Os guerreiros daquele período tinham muito apreço por esse tipo de armadura peitoral, tanto que muitas imitações começaram a ser manufaturadas pouco depois de sua introdução, e portanto não é de estranhar que Terukatsu envergasse uma delas. Ainda assim, por que teria escolhido aquela armadura em particular para ser retratado? Não sabemos se ele mesmo encomendou o retrato ou se alguém pintou sua figura de memória após sua morte. Qualquer que seja o caso, porém, o retrato deixa evidente, imagino, que aquela armadura peitoral em estilo europeu era a favorita de Terukatsu.

Se alguém olha o retrato conhecendo o senhor de Musashi apenas pelo que está registrado nos livros de história, verá apenas o retrato de um herói, semelhante àqueles que representam Honda Tadakatsu e Sakakibara Yasumasa. Mas quem está ciente das fraquezas do personagem e investigou os segredos de sua vida sexual haverá de detectar (ou será apenas imaginação minha?) uma certa ansiedade por trás da fachada imponente — a angústia da alma oculta no interior da armadura ameaçadora —, e a

imagem se revelará impregnada de inexprimível melancolia. O olhar fulgurante, por exemplo, os lábios cerrados com força, o nariz irado e a posição dos ombros inspiraria num espectador do retrato a mesma ansiedade produzida pela imagem de um tigre sedento de sangue. E mesmo assim, visto por outro ângulo, Terukatsu pode muito bem ser um homem que sofre de reumatismo lutando para suportar uma torturante dor nos joelhos. A armadura peitoral em estilo europeu, o elmo com os chifres altaneiros e a crista de Taishakuten também nos fazem pensar. Talvez o intimidante paramento tenha sido uma escolha deliberada para esconder a fraqueza interior. O efeito de tais acessórios, contudo, só contribui para deixar ainda mais desajeitado e artificial o personagem de postura rígida. A armadura de peito de pombo pareceria menos desconfortável se Terukatsu estivesse sentado numa banquetta em estilo ocidental, mas o fato de ele estar sentado de pernas cruzadas ressalta ainda mais sua inadequação. Nada indica a presença, por baixo da armadura, da massa muscular que deve estar ali, cultivada em duras batalhas. A armadura não adere ao corpo como deveria, e parece independente dele. Longe de proteger sua pessoa e instilar temor nos inimigos, mais parece um conjunto de grilhões infligindo-lhe uma tortura sem fim. Vista por esse prisma, a expressão do rosto denuncia uma angústia tocante, e a figura do bravo guerreiro coberto por sua armadura passa a evocar um prisioneiro a gemer desesperado dentro de sua veste. Um olhar cínico poderia interpretar a decoração no alto do elmo, a figura de Taishakuten posando triunfal com o pé sobre o demônio, como símbolo da coragem do nobre guerreiro, enquanto o repugnante demônio, fazendo caretas e cruelmente esmagado no chão, seria a outra face, vergonhosa, de sua personalidade. Claro que o artista, ao produzir a obra, não teve essa intenção. Provavelmente não fazia ideia da vida secreta do nobre e limitou-se a pintar um retrato fiel.

Em outro pergaminho guardado na mesma caixa vê-se o retrato da esposa de Taishakuten. Nenhum dos dois retratos está assinado, mas é possível afirmar com certeza que ambos foram realizados na mesma época e pelo mesmo artista. A dama era filha de Chirifu, senhor de Shinano, um daimyo da mesma posição social que o clã dos Kiryu. Conhecida por sua fiel dedicação ao marido Terukatsu, raspou a cabeça depois que ele morreu e adotou o nome religioso de Shôsetsuin. Foi sustentada pela família do pai, mas seus últimos anos de vida foram particularmente solitários, já que nunca teve filhos. No fim, sobreviveu ao marido por apenas três anos.

É comum que a maioria das pinturas de personalidades históricas masculinas no Japão prime pela fidelidade na forma de reproduzir as características individuais do retratado. Mas as pinturas de mulheres não passavam de representações estereotipadas da beleza feminina, sem relação com a idade da retratada. A dama do retrato possui feições refinadas e regulares, bela com certeza, mas a figura não difere muito das de esposas de outros daimyos retratadas no mesmo período. Ela podia muito bem ser a esposa de Hosokawa Tadaoki ou a de Bessho Nagaharu. A impressão recebida pelo espectador seria literalmente a mesma.

O rosto pálido dessas beldades estereotipadas costuma ostentar uma fria indiferença, e a dama que nos ocupa não é exceção. Seu rosto é redondo e cheio, mas um olhar atento percebe que a maquiagem branca parece estar se desprendendo do rosto em alguns lugares e que a face está sem vida. O mesmo se aplica ao nariz orgulhoso e escultural. Sobre eles, os olhos — uma fenda longa e fina com pupilas brilhando como agulhas por baixo das pálpebras — dão uma impressão de refinamento, acompanhada de certa inteligência. Sem dúvida as esposas dos daimyos da época passavam seus dias monótonos enfiadas nos aposentos

mais recônditos de seus palácios, onde era raro a luz penetrar. Devido a isso, todas adquiriam aquela expressão característica. A solidão, o tédio e o desespero experimentados pela esposa de Terukatsu foram particularmente duros, e um pouco desse sentimento deve ter sido transmitido para aquele retrato, revelando a verdadeira expressão da retratada.